

Colégio Anchieta faz 100 anos de rigorosa formação jesuítica

— O Anchieta é muito mais que um colégio, é um depositário e dinamizador de idéias e vidas que por aqui passaram. Cada aluno deixou suas marcas e esse, ao meu ver, é seu aspecto primordial.

O depoimento é de Ricardo Stoffel, 76 anos, aposentado do comércio, um dos cerca de 10 mil 100 alunos que já passaram pelo Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, que completa 100 anos amanhã. Fundado por jesuítas, o Anchieta, tombado pelo Patrimônio Histórico, impressiona pelas dimensões — 5 mil metros quadrados de área construída —, arquitetura neoclássica e imponência das palmeiras imperiais que acompanham a ladeira de paralelepípedos do acesso.

Mas como afirmou Stoffel, um dos maiores patrimônios do colégio foram os alunos que ele formou, conhecidos ou desconhecidos. Entre os nomes mais ilustres, o jurista Heráclito Sobral Pinto, o poeta Carlos Drummond de Andrade e o músico Egberto Gismonti. O centenário será comemorado com vasta programação, que inclui espetáculos de música clássica e popular, dança moderna, atividades esportivas e noite-dançante.

“Prussiano”

Ricardo Stoffel parece ligado ao colégio, onde estudou de 1919 a 1922, por um cordão umbilical. Há cerca de um ano e meio foi convidado a fazer o levantamento dos alunos de 1886 a 1922, e desde então tem se dedicado a prestar serviços ao Anchieta, ao mesmo tempo em que revolve seu passado. Olhando as crianças e jovens que correm pelos enormes corredores com piso de pinho de riga, Ricardo critica o que chama de “sistema aberto em demasia”, que considera de acordo com os tempos atuais, mas absurdo se fosse transportado para o seu tempo:

— O colégio era rigidíssimo. Só o Caraça, em Minas Gerais, era mais rígido

naquela época. Prussiano, pode-se dizer. Mas não me deixou traumas, para nós essa palavra nem existia. Toda liberdade em excesso é prejudicial. Se eu tivesse filhos, certamente eles estudariam aqui.

Esta profunda ligação parece ser uma constante em alunos e ex-alunos. Sobral Pinto — aluno de 1907 a 1911 —, numa visita ao Anchieta em outubro de 1984, deixou uma mensagem aos jovens: 1 mil 988 alunos, da alfabetização ao terceiro ano do segundo grau, que povoam as salas, corredores e jardins:

— Caberá a vocês, jovens, a restauração deste mundo doente e materializado. Vocês estudam no Colégio Anchieta, onde também estudei, e me orgulho da formação que recebi aqui, a formação que faz com que eu me considere um aluno da Companhia de Jesus.

Também passaram pelo Anchieta o filho do jurista Rui Barbosa, João Rui Barbosa; o senador Ernani do Amaral Peixoto e o economista Carlos Langoni. Ter estudado no colégio de 1914 a 1922 significava direito à admissão imediata nas universidades de Fribourg, na Suíça; São Francisco, na Califórnia (EUA); Galveston, Texas (EUA); e Rensselaer Troy, em Nova Iorque (EUA) entre outras.

Batons coloridos

A atmosfera sóbria e séria contrasta com a vivacidade dos alunos que circulam pelo colégio, tão modernos quanto o seu tempo. Meninas com batons e meninos que só não tem cabelos longos porque já passou a moda. A maioria parece gostar muito do Anchieta:

— Gosto demais de estudar aqui. O ensino se preocupa com a disciplina do aluno, mas há um clima de amizade entre nós, professores e funcionários. Estou triste porque ano que vem vou ter que sair, para fazer o normal. Não tenho nada

a reclamar — afirmou Cyntia Amaduro Vizzoni, 13 anos, na oitava série.

A opinião dos mais jovens é parecida. Frederico Schoell, 12, sexta série, cabelos quase brancos da descendência alemã, garante que o Anchieta é o melhor colégio onde já estudou: “É espaçoso, tem bons professores. Nas horas vagas gosto de passear e conhecer tudo. Com 100 anos, há muita coisa interessante para se ver.”

O reitor, padre Melchert, não escondo o orgulho de verificar a integração que existe entre Nova Friburgo e o Anchieta: “ambos se identificam em suas histórias”, seja nos ex-alunos que hoje são homens públicos ou nos eventos culturais que a cidade realiza no belíssimo teatro com paredes cobertas de afrescos — pintados por A. Mecozzi —, ou nas atividades sociais desenvolvidas pelos alunos e pais de alunos, como a confecção de roupas e agasalhos para orfanatos e creches.

Atualmente, funcionam no Anchieta 41 salas de aula, quatro bibliotecas, quatro capelas, dois museus — o de História Natural, com interessante coleção de fósseis, pedras preciosas e semipreciosas, animais empalhados e embalsamados —, três laboratórios, um observatório astronômico, um laboratório fotográfico, dois salões de recepção, dois refeitórios, dois parlários, uma cozinha, um salão nobre, departamentos de audiovisual, mecanografia, pedagógico, pastoral, serviço de orientação educacional, carpintaria e a menina dos olhos: um herbário com cerca de 4 mil plantas arquivadas, de fama internacional. Na parte esportiva, há três campos de futebol, quatro quadras descobertas, um ginásio esportivo polivalente e um parque infantil.

O Anchieta funciona em dois turnos, e as mensalidades variam de Cz\$ 177,00 a Cz\$ 542,00.